



2003/09/12

11 DE SETEMBRO: DOIS ANOS DEPOIS

*João Vieira Borges*

Dois anos depois das imagens que nos marcaram para o resto das nossas vidas, continuamos a ouvir falar de Ben Laden, da Al-Qaida, dos Taliban, da Fatah, do Hamas, e ainda mais preocupante, continuamos a assistir a imagens de acções terroristas nos mais diversos espaços do globo contra inocentes.

Embora consideremos que a eficácia de qualquer estratégia de combate ao terrorismo se deve medir pelos resultados obtidos a médio e a longo prazo e não por acções conjunturais (decorrentes da ruptura pontual de um processo de paz no Médio Oriente ou da esperada instabilidade no Iraque) pensamos que a estratégia desenvolvida pelos EUA e pela comunidade internacional não tem sido a mais adequada.

Tendo consciência de que um dos conceitos de acção estratégica passará pela resolução dos impasses políticos (causadores da maioria das acções terroristas, caso do conflito Israelo-Árabe), para além dos necessários conceitos de acção militares e económicas (mais visíveis e mensuráveis), pensamos que em termos políticos, os EUA têm pecado sobretudo pelo facto de não conseguirem arrastar nessa luta contra o terrorismo transnacional, a ONU e os mais importantes Estados do Xadrez Internacional. Esperemos que esta atitude unilateralista, fundamentada efectivamente na legitimidade da morte em território americano de mais de 3000 pessoas nas torres gémeas, e numa capacidade militar demasiado assimétrica, seja sucessivamente modificada, a bem da Humanidade.

Até lá, e se considerarmos que a maioria das acções desenvolvidas pelos EUA não têm primado pelo respeito do direito internacional, pensamos que vai continuar a "obsessão anti-americana", em especial nas regiões (e áreas colaterais, que vão desde a Índia à França!) onde a sua presença militar representa uma agressão aos valores, à religião e à independência. A longo prazo, e se os EUA souberem investir no multilateralismo, numa imagem mais civilizacional e em acções mais discretas de infiltração nas redes, poderemos assistir à tão necessária melhoria de imagem.

Portugal, como aliado privilegiado dos EUA (o que não quer dizer de todas as suas posições políticas...), ou como símbolo de valores humanistas, constitui um alvo de reduzida, mas de alguma probabilidade de ataque (que poderá aumentar em função de decisões ligadas a posições menos legalistas em termos do direito internacional). Se o objectivo do terrorismo (a arma dos Fracos contra os Fortes) continuar a ser o de levar uma unidade política a adoptar este ou aquele comportamento, pensamos que a espectacularidade de uma acção terrorista se fará sentir com mais resultados em França ou no Reino Unido, do que em Portugal (a não ser durante uma conferência internacional ou durante um campeonato da Europa de Futebol...), o que não deve descurar todo um conjunto de acções em prol da Segurança, devidamente consignadas (teoricamente) no último Conceito Estratégico de Defesa Nacional.

Dois anos depois do 11 de Setembro, ainda é cedo para avaliarmos dos resultados de qualquer acção unilateral ou mesmo transnacional contra o terrorismo internacional. Sabemos, no entanto, que o futuro passará pelo investimento (as revoluções do dia a dia) na educação e na liberdade das sementes das próximas décadas; as crianças pobres de hoje, espalhadas sobretudo pelos países menos bafejados pela sorte da liberdade, da igualdade e da fraternidade.